

HIPERMODERNIDADE, MULTILETRAMENTOS E GÊNEROS DISCURSIVOS

Genivaldo Rodrigues Sobrinho¹
Lenir Maria de Farias Rodrigues²

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (Estratégias de ensino 51), 150 p.

O livro “Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos”, endereçado aos estudiosos de língua/linguagem, principalmente, aos professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio, é fruto de estudos de Roxane Rojo, livre docente do Departamento de Língua Portuguesa Aplicada da Universidade Estadual de Campinas em parceria com Jacqueline Barbosa, doutora em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino de Línguas pela PUC-SP, também professora no mesmo departamento da Unicamp.

Os estudos de Rojo sobre os letramentos múltiplos ou multiletramentos são notórios, e muito têm contribuído para as práticas do ensino da língua materna no Brasil. Ela e Barbosa, na carreira acadêmica, desenvolvem projetos de pesquisa dentro da linha: Linguagem e Educação³.

Neste livro, as pesquisadoras retomam, em parte, a indagação, já realizada por Rojo (2013) em *Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos*, em que se discute até que ponto a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e seu Círculo, pensada no contexto de textos escritos, impressos, literários e canônicos, poderia servir de fundamentação para analisar a composição e o funcionamento dos textos

¹ Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo (USP). É professor titular do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus Universitário de Sinop. E-mail: genivaldosobrinho@gmail.com

² Professora de Língua Portuguesa efetiva da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso. Licenciada em Letras (UFMT), especialista em Docência no Ensino Superior (FACISA - Faculdades Cathedral). Mestranda do Profletras (UNEMAT-Sinop). Bolsista da Capes, a qual se agradece, em nome de todos os beneficiados, pelo incentivo às investigações científicas e qualificação acadêmica/profissional. E-mail: lenirmaria76@hotmail.com

³ Informação disponível na Plataforma Lattes.

multissemióticos ou multimodais trazidos, sobretudo, pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), presentes na sociedade (hiper)conectada em que vivemos.

Esse vácuo acadêmico, provavelmente, levou as autoras a dar corpo a esta obra, organizada em quatro capítulos, na qual pretendem deslindar os conceitos dos gêneros discursivos bakhtinianos, aliando-os às práticas do ensino da língua materna, alicerçadas nos pressupostos da pedagogia dos multiletramentos⁴, ampliando tais concepções no contexto da hipermodernidade. Nesse diálogo, entre diversas teorias, Rojo e Barbosa assumem um posicionamento crítico-reflexivo sobre as contribuições legadas por Bakhtin e seu círculo, visando comprovar empiricamente sua validade em explicar os fenômenos linguísticos/ de linguagem da contemporaneidade.

Assim, no primeiro capítulo: “Gêneros discursivos: o que são?” as autoras fazem uma análise detalhada do conceito, quando eles começam a se configurar como objeto de estudo, tecendo um breve histórico da aceção dos gêneros até chegar na abordagem teórica do russo.

Em síntese, desde a Grécia Antiga com Platão e Aristóteles já se havia essa preocupação em classificar os enunciados que circulavam na *pólis* (cidade). Platão seguindo as ideias de Sócrates, apontava três gêneros literários: o épico, o lírico e o dramático. Aristóteles, por sua vez, se dedicava aos estudos dos gêneros literários (poesia, tragédia e comédia) e aos gêneros retóricos, relacionados aos argumentos, os quais enumerou em deliberativo ou político, forense ou judicial e demonstrativo ou epidítico, esmiuçando a finalidade discursiva de cada um deles. No Renascimento, houve a retomada dos estudos gregos sobre os gêneros, mas sempre em consonância aos domínios que compreendiam a arte literária (poética) e ao da oratória na vida pública da cidade. No século XX, presenciou-se um avanço nas reflexões sobre o tema por meio da crítica literária do formalistas russos⁵, que delinearam dois campos: o do estruturalismo e o da nova retórica. Somente com os estudos de Bakhtin e seu círculo de discussões, integrado por Volochinov e Medvédv, que as reflexões sobre os gêneros se estenderam a outros campos e domínios.

⁴ Cf. ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: _____; MOURA, E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-21. (Estratégias de ensino, 29).

⁵ O grupo dos formalistas russos era composto por Skhlovski, Jakobson, Trubetzkoi, Bogatiriev, Mukarovsky, Popp, Eikhenbaum e Tynianov.

A partir dessa premissa, Rojo e Barbosa discorrem sobre os progressos que vão tracejando os estudos dos gêneros por Bakhtin e colaboradores até chegar na teoria dos gêneros discursivos. Essas entidades são denominadas por Bakhtin como sendo *tipos relativamente estáveis de enunciados* (2003, p. 262; destaque do autor) que se valem da língua/ linguagem para que possamos interagir em situações específicas, em um determinado campo de atividade humana. Embora o teórico tenha classificado os “enunciados universais e concretos” em primários (simples), que ocorrem nas esferas mais singelas da vida cotidiana, e em secundários (complexos), com uma função mais formal e oficial, as autoras preferiram não discorrer a fundo sobre a questão, afirmando que “em uma sociedade urbana, complexa, altamente moderna e tecnológica como a nossa, raramente os gêneros serão efetivamente primários” (p. 18, *in box*), acenando, ainda que sumariamente, aos fenômenos de intercalação e hibridismo⁶, muito comum nas práticas letradas contemporâneas.

Vale dizer que, no decorrer desse tópico, são emersos debates que circundam o mundo das letras: gêneros discursivos *versus* gêneros textuais e tipos textuais. Por que se referir a gêneros do discursos e não a gêneros textuais? Rojo e Barbosa deixam claro que o que interessa na teoria bakhtiniana

são os *efeitos de sentido discursivos*, os *ecos ideológicos*, as *vozes* e as *apreciações de valor* que o sujeito do discurso faz por meio de enunciados/textos em certos gêneros que lhe viabilizam certas escolhas linguísticas. [...] Não importam tanto as formas linguísticas ou a dos textos em si, para relacioná-las aos contextos, mas o desenvolvimento do tema e da significação. Por isso se referem aos gêneros como *gêneros de discurso* e não como *gêneros de texto*. (p. 42, grifo das autoras).

De fato, os gêneros não são tratados apenas pelo viés das formas (produto), mas sobretudo pela dinamicidade da produção. Isso significa que a abordagem bakhtiniana sentenciar uma estreita correlação entre os tipos de enunciados e suas funções na interação social, que acontece concretamente no interior de uma específica atividade humana (FARACO, 2000, *apud* ROJO; BARBOSA, *Ibid.*).

É por esse motivo que as autoras alegam que o “texto não é gênero; tipos de textos não são gêneros” (p. 25) e vão se basear nos estudos de Marcuschi (2002, *apud* Id., *Ibid.*), que distingue tipo textual de gênero textual. Conforme esse pesquisador tipo

⁶ As escritoras tratam esses fenômenos com maior clareza no 3º capítulo.

textual refere-se a composição linguística dos enunciados (léxico, tempos verbais, construção sintática, relações lógicas de coerência e coesão, estrutura) abrangendo categorias conhecidas como: narração, argumentação, injunção, exposição e descrição. Já o gênero textual é uma noção propositalmente vaga para se referir aos textos materializados que encontramos na vida diária, que apresentam peculiaridades definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição específicas. Se os tipos são poucos, os gêneros são inúmeros.

As pesquisadoras assinalam que essa acepção “propositalmente vaga” marcuschiana, também presente no discurso da Linguística Textual, induziu muitos professores a uma interpretação equivocada de gêneros como se fossem subclasses de tipos textuais. Por isso, elas primam em esclarecer, que não é o texto que dá forma ao gênero e sim o contrário: “os gêneros são constituídos historicamente, usados e experimentados socialmente, tendo existência e força na vida social, embora só se materializem em textos e enunciados e não como gêneros em si. [...] só aparecem *concretamente* na forma de *textos* orais, escritos ou multimodais [...]” (p. 28, *in box*; ênfase das autoras).

Rojo e Barbosa nomeiam textos (orais, escritos ou multimodais), “os enunciados concretos que ocorrem sempre se valendo, de diferentes maneiras, dos gêneros para dizer o que têm a dizer (discurso) e permitir a interação com os outros”. (p. 32) . E é a alternância entre os enunciadores (interação) que vai demarcar o limite entre um enunciado/texto e o seguinte. Isso acontece quando o sujeito do discurso relativamente esgotou todo o seu tema, sua vontade de dizer, sua apreciação valorativa sobre o dito, ou seja, ele dá um acabamento provisório a seu texto/enunciado e, assim, oportuniza o seu interlocutor a reagir e tomar o turno da palavra – réplica.

Em suma, o que se torna relevante para as estudiosas, no primeiro capítulo, é demonstrar que tudo que falamos, pensamos, escrevemos, usando língua/linguagem, é articulado em um gênero do discurso (enunciado/texto). Os gêneros discursivos permeiam nossa vida (desde as situações mais íntimas até as mais formais) e organizam nossa comunicação/interação.

No segundo capítulo, “Os gêneros integram práticas sociais situadas”, se discute de que forma os gêneros do discurso integram as práticas sociais e são por elas gerados

e estruturados, tendo como foco as esferas de atividade humana/de comunicação preconizadas por Bakhtin e seu círculo.

As professoras compreendem as práticas sociais no sentido de práxis, termo cunhado por Marx, que envolve atos, ações e valores éticos, que estão intimamente ligados às esferas de atividades humanas. Para tanto, elas travam um diálogo com pensadores como Hegel, Marx, Max Weber, Bourdieu entre outros para fundamentar as discussões bakhtinianas sobre os campos de atividade humana/de comunicação. A conclusão que elas chegam é que

Para esses autores, a sociedade se organiza e funciona em campos ou esferas de atividade que se regem por leis próprias, as quais determinam a posição, os poderes, os deveres, os valores e o *habitus* dos indivíduos que atuam nesses campos ou esferas. Entre essas maneiras de agir em uma esfera ou campo, que Bourdieu denominou *habitus*, estão a maneira de falar, de escrever e de se comunicar interagindo, ou seja, os gêneros discursivos. (p. 59).

Bazerman (2011) denomina sistemas de gêneros, as esferas/campos de atividades em que se processam as interações humanas. Esses sistemas de gêneros compreendem uma coleção de textos utilizados por pessoas que trabalham juntas de forma organizada. Daí “Ao definir o sistema de gêneros em que as pessoas estão envolvidas, você identifica um *frame* que organiza o seu trabalho, sua atenção e suas realizações” (BAZERMAN, 2011, p. 35).

Nessa conjectura, para se obter um olhar mais aprofundado sobre os gêneros discursivos é imprescindível a vinculação destes com as diversas esferas/campo de comunicação verbal que os originam e a própria determinação dessas zonas pelo funcionamento sócio-histórico e político mais amplos (contexto).⁷

Essas esferas/campos de atividade, em que se processam as práticas interacionais/ linguagens, não são entendidas por Bakhtin como sendo estáticas ou estanques. Na verdade, elas estão sujeitas às mudanças sócio-históricas e culturais; por esse motivo, sofrem transformações, se interinfluenciam e muitas vezes funcionam de maneira intercalada ou híbrida⁸. Isso explica a seguinte situação: quando uma esfera/campo sofre alterações, ou seja, se expande, os gêneros que nelas circulam se

⁷ Importância enfatizada por Volochinov/Bakhtin, que as professoras se valem para a fundamentação teórica (Cf. Ibid., p. 65).

⁸ Ver diagrama criado pelas autoras: figura 2.6, p. 67, que demonstra com clareza o conceito de intercalação e hibridismo das esferas de atividade humana e de comunicação verbal.

transformam e se ampliam na mesma medida; por outro lado, também muitos deles podem desaparecer ou morrer. Um bom exemplo disso é o advento das TDICs, que provocaram modificações nos gêneros por elas incorporados, gerando duplos: cartas/*e-mail*, conversas/*chat* ou bate-papo, diário/*blog* entre outros (ROJO; BARBOSA, *Ibid.*).

Diante do exposto, percebe-se que o conceito de esfera/campo nos postulados bakhtinianos é complexo, pois abrange um conjunto subordinado de acepções de finalidade, de cronotopo⁹ e os participantes envolvidos.

As pesquisadoras advertem que “o mais importante na situação de enunciação ou situação de produção do enunciado/texto é a *apreciação valorativa* ou imagem que o falante/escritor tem de seus parceiros e do *tema* do enunciado” (p. 79, destaque das autoras). Assim, em cada situação dialógica/de enunciação (contexto) teremos parceiros específicos com os quais nos relacionaremos e sobre os quais teremos juízos de valor mais ou menos estáveis (enunciados); tendo em vista que essas interações ocorrem em um determinado campo de atividade/de comunicação. É claro, portanto, que a escolha do gênero discursivo/enunciado passa por escolhas ideológicas, incorporando inclusive as esferas mais simples da vida cotidiana (enunciados primários).¹⁰

No terceiro capítulo, “Como se organizam os gêneros”, as estudiosas definem os elementos integrantes e indissociáveis dos enunciados/gêneros discursivos: tema, estrutura composicional e estilo, exemplificando suas regularidades e sua flexibilidade por meio dos conceitos de intercalação e de hibridismo, presentes na teoria de Bakhtin.

Nos postulados do russo e colaboradores, conforme Rojo e Barbosa, “o tema é o conteúdo inferido com base na *apreciação de valor*, na avaliação, no *acento valorativo* que o locutor (falante ou autor) lhe dá. É o elemento mais importante do enunciado: um texto é todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema” (p. 87, grifo das autoras).

A estrutura composicional dos enunciados, por sua vez, é apreendida pelas estudiosas como a organização e o acabamento do texto/enunciado, as quais elas associam à teoria da (macro/super)estrutura textual: progressão temática, coerência e coesão.

⁹ Cronotopo é um termo cunhado por Bakhtin para se referir ao tempo e ao lugar históricos de produção de um discurso. (Cf. ROJO; BARBOSA, 2015. p. 70, *in box*).

¹⁰Nota-se que, no 2º capítulo, as autoras acabam retomando o conceito de enunciados primários e secundários bakhtinianos, deixando entender ao leitor que eles estão de certa maneira relacionados às esferas/campo de atividades humanas privadas e públicas (p. 71).

O estilo representa os elementos linguísticos (léxico, construção sintática, variação de registro, aspectos gramaticais) que o enunciador seleciona para dizer o que quer e gerar o sentido almejado. Bakhtin (2003), à propósito disso, diferencia estilos individuais e de gênero:

Todo enunciado-oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo de comunicação discursiva-é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve) [...]. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. [...] Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artísticos-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado [...] (p. 265-266).

Dessa forma, boa parte dos gêneros secundários, de diferentes esferas presta-se pouco às variações individuais de estilo do falante (ou escritor), apresentando restrições quanto ao estilo de gênero, como apontam as professoras. Um exemplo dado por elas refere-se aos textos que circulam no campo jornalístico, que coíbem marcas linguísticas de apreciação valorativa.

Segundo nesse raciocínio, Bakhtin assevera que:

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância- de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Sobre o estilo e a forma de composição (estrutura) do enunciado, Rojo e Barbosa elucidam que: “O mais importante aqui é notar que a forma composicional e o estilo são relevantes no texto não por si mesmos, mas para fazer ecoar os seus sentidos ou seu tema. Nesse sentido, são ‘marcas linguísticas e textuais’ das apreciações valorativas do locutor/autor” (p. 94). Nessa perspectiva, nenhuma escolha estilística e composicional são completamente neutras; a forma e o estilo do “dito” são indissociáveis e imbuídos de intencionalidade enunciativa (ideologia).

Em mérito ao exposto, não se pode passar despercebido, no discorrer desta obra, as ênfases pontuadas pelas doutoras-pesquisadoras concernentes ao conceito norteador da teoria dos gêneros discursivos: *a apreciação valorativa em que são modulados,*

*formatados os enunciados*¹¹. Elas, assim, denunciam as práticas de ensino que partem da composição textual (tipos textuais) em detrimento do estudo do gênero; que desconsideram a funcionalidade social dos enunciados/textos; que colocam em segundo plano os juízos de valores (ideologias), as intencionalidades do falante (ou escritor) que estão à base de todos os enunciados concretos que circulam na sociedade.

Um fator fundamental para compreender a complexidade dos componentes indissociáveis do enunciado, diz respeito à relativa estabilidade dos gêneros, que é determinada sobretudo pela flexibilidade do estilo, da estrutura dos textos/enunciados que variam em congruência com as esferas/campos de atividade humana. Contribuem para essa elasticidade relativa as diferenças culturais, o contexto socioeconômico e histórico, a organização da sociedade que muda com o tempo. Nesse processo, Bakhtin, expõem dois mecanismos responsáveis pela flexibilização composicional e estilística dos textos nos gêneros: a intercalação e o hibridismo. “Embora o gênero seja relativamente estável, há muitos mecanismos composicionais e estilísticos para flexibilizá-lo e renová-lo, sobretudo nas esferas criativas como as artes literárias ou musicais e a publicidade. Hibridismo e intercalação são dois mecanismos” (ROJO; BARBOSA, p. 104, *Ibid.*).

Vale dizer que esses mecanismos estão bem presentes nos enunciados que circulam no meio social hodierno: os gêneros/textos multimodais. Texto multimodal ou multissemiótico, na concepção das estudiosas:

é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (*semiose*) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, *performances*, vestimentas-modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações- modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais. (p. 108, *in box*, destaque das autoras).

Perante isso, quando se trabalha, na escola, leitura, produção e análise de textos contemporâneos, tanto em termos de tema, composição e estilo, é necessário considerar

¹¹ Grifo nosso.

as multisssemioses e características multimodais empregadas para a construção do sentidos (temas), como também as hipermídias nos textos digitais¹².

No último capítulo: “Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade”, as autoras analisam algumas transformações pelas quais o mundo tem passado na era hipermoderna, especialmente, no que tangem as formas de participação e interação, as quais acarretaram, por conseguinte, modificações nas maneiras enunciativas e textuais.

Na hipermodernidade¹³ vigoram os mesmos princípios da modernidade, tais como: racionalismo técnico, desenvolvimento tecnológico-científico, economia de mercado, valorização da democracia e extensão da lógica individualista, com uma “roupagem”, que se renova continuamente.

As estudiosas, se pautando nas ideias de Lipovetsky (2004), García Canclini (2006) e Charles (2009), inferem algumas peculiaridades desse tempo:

É a era do hedonismo individual, do hipernarcisismo. O culto e a contínua busca pelo prazer (imediato), a extrema fluidez dos pertencimentos atuais, a ausência de projetos coletivos em função das dúvidas em relação ao futuro redirecionam o projeto de autonomia da modernidade, que passa primar pela autoconcentração e pela não responsabilização pelo outro (p. 119).

As TDICs potencializam esses processos novos de identidade, a fluidez das informações que circulam no ciberespaço ampliam o universo de interação sociais. A cultura da convergência¹⁴, segundo Jenkins (2009, *apud* ROJO; BARBOSA, *Ibid.*) é o paradigma em voga, que impulsiona os consumidores, a procurarem, a produzirem e disseminarem informações e estabelecerem novas conexões.

Essas transformações que integram as práticas de letramentos, no contexto hipermoderno, levam as autoras a assumir a tese em defesa da teoria bakhtiniana:

Nunca antes a ideia de que o enunciado é um elo na cadeia verbal que remete (e se trama a partir de ou nos) enunciados anteriores e que se estabelece como referência para enunciados ulteriores, a postulação de

¹² Sugestão dadas pelas autoras.

¹³ No livro, Rojo e Barbosa, se contrapõem ao conceito de pós modernidade, cunhado por Lyotard (2002) entre outros, e assumem o posicionamento delas em tratar os fenômenos linguísticos/de linguagem pelos viés epistemológicos da hipermodernidade, desenvolvidos por Lipovetsky (2004) com outros autores como Charles (2009).

¹⁴ A convergência se refere “a uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente” (JENKINS, 2009, p. 377, *apud* ROJO; BARBOSA, 2015, p. 120, *in box*).

responsividade ativa no cerne dos atos de compreensão e a concepção bakhtiniana de autoria-como uma orquestração de vozes puderam ser tão evidenciadas quanto com as novas mentalidades, mídias e ambientes. Para quem se ressentia da ausência de comprovações empíricas mais evidentes e diretas para aceitar as postulações de Bakhtin, eis que os funcionamentos hipermidiáticos e em rede e a prática da remixagem envolvendo diferentes modalidades de linguagem as trazem e encarnam de forma cabal (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 121).

A hiperinformatividade produzida e disseminada na *web* fez com que ações como de curar, seguir, curtir, taguear e comentar ganhassem destaque nas práticas cotidianas de interações. Mas como é possível desfrutar dessas ações na escola? Como selecionar de forma acurada essas informações? Como avaliar a qualidade das fontes na hipermídia? Como reestruturar o currículo escolar para que contemple a diversidade cultural brasileira e os gêneros hipermidiáticos? Quais os caminhos para resgatar uma educação mais ética, de responsabilização do outro, que parece sempre mais esvanecer no contexto hipermoderno? Nesse universo de hiperinformação, quais as esferas devem ser privilegiadas no contexto escolar?

Questionamentos desse tipo são formulados pelas pesquisadoras, as quais delatam as ações desenvolvidas na escola, que ainda privilegiam a cultura canonizada, “sem levar em conta os multi e novos letramentos, as práticas, procedimentos e gêneros em circulação nos ambientes da cultura de massa digital e no mundo hipermoderno atual.” (p. 135).

A escola, agência formadora socialmente legitimada, não pode se eximir dessas novas práticas letradas que circulam em ambientes digitais. Nessa perspectiva, Rojo e Barbosa defendem uma articulação entre a pedagogia dos multiletramentos, teorizada pelo Grupo de Nova Londres, e a acepção bakhtiniana de esfera/campo de comunicação/circulação dos discursos, como respostas à práxis pedagógica, situada e condizente com as demandas sociais da contemporaneidade, indo ao encontro às indagações e inquietações de professores de língua/linguagem.

As estudiosas salientam que a escola é impossibilitada de abordar tudo, então, sugerem organizar o currículo em torno de quatro esferas, que elas consideram de maior importância na vida cultural, privada e pública da hipermodernidade: a jornalística, a da divulgação científica; a da participação na vida pública, e da artístico-literária.

Vale ressaltar que todos os capítulos deste livro são entremeados de exemplos, exercícios que podem ser trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa dentro dos pressupostos epistemológicos defendidos pelas autoras. A partir das explicações teóricas elas propõem quesitos crítico-reflexivos aos professores, para que os mesmos possam se situar no âmbito escolar repensando e redimensionando suas ações pedagógicas. Além disso, na tessitura dos temas são apresentados hipertextos, que se abrem *in boxes*, com a finalidade de elucidar e explicar conceitos e também direcionar os leitores a consulta de *links* que tratam do assunto exposto. Ademais, são também fornecidas indicações de *sites* para pesquisas, leituras complementares e referências para o aprofundamento das questões debatidas em cada tópico.

Enfim, Rojo e Barbosa, neste exemplar, deslindam os conceitos bakhtianos de forma clara e didática, correlacionando-os às práticas do ensino da Língua Portuguesa, considerando os novos e multiletramentos da sociedade (hiper)conectada. Nele, as pesquisadoras, não se deixam levar pelos meandros puramente teóricos, mas criam uma ponte entre estes e a prática, condição *sine qua non* para que se possa se efetivar a práxis, caso contrário se permanece somente no “falatório” das teorias ou no ativismo acrítico infundado das práticas. A respeito disso, bem alertou Freire (2009, p. 22): “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. Portanto, neste livro, os professores de língua materna/linguagem encontrarão “um belo curso em quatro aulas magnas¹⁵” que servirão de fomento para suas práxis.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal* (Trad. Paulo Bezerra). 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção biblioteca universal).

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Organização de Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: _____; MOURA, E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-21. (Estratégias de ensino, 29).

¹⁵ Fala de Carlos Alberto Faraco no prefácio da obra resenhada (p. 9).

_____. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: _____ (Orgs.). *Escol@ conectad@*: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégias de ensino, 40).

Recebido em 04/05/2016.
Aprovado em 02/06/2016.